

# 1

## *Janeiro de 1958*

Foi a primeira coisa que vi quando abri os olhos naquela manhã. Um rectângulo cor-de-laranja, cor de lava quente, a pairar na parede do meu quarto. Era desenhado pela luz, que jorrava pela janela num raio empoeirado, movendo-se sobre a parede como um filme vagaroso e plácido. Somente essa luz estranha, cor-de-laranja. Eu tinha a certeza de que ela haveria de desaparecer a qualquer instante, como quando surge um arco-íris que imediatamente começa a desvanecer-se, olhamos para onde o vimos pouco antes e ele já desapareceu, resta uma cor muito esbatida, e até essa cor esbatida poderia ser uma reminiscência imaginada da memória do que acabáramos de ver.

Fui até à janela e olhei lá para fora. O céu estava de um violeta brumoso, como a cor da pele delicada sob os olhos da Mãe, semi círculos que escureciam quando ela estava cansada. O sol era uma orbe turva, vermelho-escura. Podia olhar-se directamente para ele através da bruma, como para uma jóia sob camadas de tecido. Percebi que seríamos sujeitos a curiosas condições meteorológicas. No Leste de Cuba, havia manhãs em que eu acordava e sentia de imediato que o clima se alterara radicalmente. Da minha janela conseguia ver a baía, e, se alguma tempestade tropical estivesse a aproximar-se, o nascer do sol espalhava fitas de luz nas densas nuvens que se acumulavam no horizonte da água, tornando-as rosadas como se por dentro incandescessem. Adorava a sensação de despertar para uma qualquer mudança drástica, de saber que quando descesse as escadas os criados

andariam lá em baixo a correr de um lado para outro, trazendo a mobília do pátio para dentro de casa e pregando tábuas sobre as janelas, no exterior rajadas de ar quente, a primeira onda gigante a encapelar-se numa vítrea parede verde e a alagar o aterro que ficava ao fundo do nosso jardim. Se já se tivesse aproximado alguma tempestade, eu acordava com chuva torrencial a cair sobre a casa, o meu quarto tão escuro que tinha de acender o candeeiro da mesa-de-cabeceira só para ver as horas no relógio. A mudança era excitante para mim, e quando nessa manhã acordei e vi um rectângulo de luz cor-de-laranja, brilhando como brasas, na parede do meu quarto, pareceu-me que estava prestes a acontecer alguma coisa especial.

Era cedo, a Mãe e o Papá ainda estavam a dormir. Por esta altura o meu irmão Del já se tinha ido embora havia três semanas, desde que regressáramos das nossas férias de Natal em Havana. O Papá não falava disso abertamente, mas eu sabia que o Del estava no alto das montanhas com a coluna de Raúl. Nunca tinha sido grande frequentador do salão de bilhar em Mayarí, mas comecei a parar por lá após ele ter desaparecido. Em Preston era difícil obter informações sobre os rebeldes. Todos os cubanos sabiam o que estava a acontecer, mas mantinham-se calados ao pé dos americanos. A empresa andava a exercer muita pressão sobre os trabalhadores para que estes se distanciassem de quem estivesse envolvido com os rebeldes. Quem é que ia falar com o filho de treze anos de idade do patrão? Mas, em Mayarí, as pessoas embebedavam-se e abriam a boca. Na semana anterior, um velho *campesino* agarrou-me pelo ombro. Aproximou o rosto do meu, tão perto que lhe consegui cheirar o hálito a rum. Disse qualquer coisa a respeito do Del. Disse que ele ainda era novo, mas que viria a ser alguém importante. Um libertador do povo. Como Bolívar.

Ouvi a Annie a preparar o pequeno-almoço, a abrir e fechar gavetas. Calcei os chinelos e desci as escadas. Na cozinha estava tão escuro que mal conseguia ver. A Annie tinha trancado todas as janelas e fechado as gelosias. Perguntei-lhe porque não abria os estores ou acendia uma luz.

Os criados têm costumes engraçados — superstições —, e nunca se sabe o que andam a tramar. A Annie não gostava de sair ao anoitecer. Se a Mãe insistisse em que ela fosse fazer algum recado, a Annie cobria a boca com um lenço. Dizia que os espíritos maus tentavam

voar para dentro da boca das mulheres quando caía a noite. Tanto a Annie como a nossa lavadeira Darcina ouviam aquele curandeiro ridículo chamado Clavelito na rádio CMQ. Às vezes Darcina chorava durante a noite. Dizia que tinha saudades de dormir numa cama com os seus filhos. A Mãe comprara-lhe um rádio portátil para lhe fazer companhia e acabara por comprar um para a Annie também, só para ser equitativa. A Mãe dava grande importância à equidade. Clavelito dizia às pessoas para colocarem um copo de água em cima do rádio, alegando que a voz dele abençoava a água, e tanto Annie como Darcina o faziam.

Annie disse que tinha fechado as persianas por causa do ar. Estava uma neblina terrível, que lhe fazia comichão no nariz e a deixava rouca. Disse que deviam ser outra vez aqueles *campesinos* a queimar o lixo deles. Annie não gostava dos *campesinos*. Era uma criada da casa, pertencia a uma classe diferente.

Sentei-me na cozinha com a nova edição da *Unifruitco*, a revista da nossa empresa. Era publicada bimestralmente, o que significava que as notícias estavam sempre um pouco desactualizadas. Esta era a edição de Janeiro de 1958, e a primeira página mostrava uma fotografia do meu irmão e do Phillip Mackey posando juntos com um espadarte que haviam pescado na Baía de Nipe, em Outubro passado. Ganharam o primeiro prémio no torneio de pesca outonal. Era estranho ver aquela fotografia, agora que os dois se tinham ido embora e o meu irmão já não se interessava por coisas como os torneios de pesca. Na página seguinte estava o Papá com Batista e o Embaixador Smith no nosso iate, o *Mollie and Me*. Folheeí as páginas enquanto a Annie fazia massa para pastéis. Ela cortava a massa em círculos, colocava queijo e pasta de goiaba dentro dos pequenos círculos, dobrava-os em meias-luas e espalhava-os sobre um tabuleiro. Os *pastelitos de guayaba* da Annie, ainda quentes do forno, eram as coisas mais deliciosas do mundo. Em Preston alguns americanos não autorizavam os criados a fazer pratos da região. A Mãe era muito mais compreensiva e adorava certos pratos cubanos. A Mãe não cozinhava. Fazia listas para a Annie. A Annie pegava num enorme pargo vermelho, recheava-o com batatas, azeitonas e aipo, depois marinava-o em manteiga e sumo de lima e assava-o no forno. Esse era o meu favorito. Seis meses antes, no Verão de 1957, quando fiz treze anos,

a Annie disse que, como eu era rapaz e haveria de tornar-me adulto antes que ela desse por isso, queria fazer-me um bolo de rum para o meu casamento. Os rapazes de treze anos não andam propriamente a pensar no casamento. Claro que eu brincava com raparigas, mas não tinha nenhum namoro formal. Um bolo de rum mantém-se conservado durante dez ou quinze anos, e a Annie achava que era tempo suficiente para eu crescer e encontrar uma esposa. Pedi aos homens da oficina mecânica da empresa que lhe fizessem uma caixa de lata com cinco andares, só para o bolo. A lata estava pintada de branco, com KIMBALL C. STITES pintado à mão no cimo, e nos lados tinha umas pegas para retirar de lá as camadas do bolo. Não sei o que aconteceu ao bolo nem à lata com o meu nome. Perderam-se na azáfama da partida, como tantas das nossas coisas.

Annie estava a colocar os seus *pastelitos* no forno quando ouvi os passos do Papá descendo pesadamente as escadas, e a minha mãe a chamá-lo: «Malcolm! Malcolm, por amor de Deus, tem *cuidado!*»

Corri para o vestíbulo e encontrei o Papá ao fundo das escadas. Ele nem me viu, passou por mim a correr como se eu fosse invisível, abriu a porta da frente e desceu os degraus da varanda de dois em dois. Fui atrás dele, correndo em pijama pelo carreiro do jardim. O Papá contornou a casa até chegar aos quartos dos criados nas traseiras e bateu à porta de Hilton Hardy. O Hilton era o *chauffeur* do Papá.

«Hilton! Acorde!» Tornou a bater à porta. Foi então que reparei que o Papá ainda trazia vestida a camisa amarrotada do pijama, por baixo do casaco do fato.

«Sr. Stites, o Sr. Hardy foi visitar a família em Cayo Mambí.» Annie chamou-o da janela da despensa do mordomo, com a voz abafada pelas gelosias fechadas. «Teve autorização da Sr.<sup>a</sup> Stites.»

O Papá praguejou em voz alta e precipitou-se para a garagem onde Hilton guardava a limusina da empresa, um reluzente Buick preto. Tínhamos dois — os Dynaflows, com aquelas aberturas de ventilação ovais e cromadas nos pára-choques dianteiros. O Papá abriu as portas da garagem e entrou no carro, mas não o pôs a trabalhar. Tornou a sair dele e gritou para a casa: «Annie! Onde é que o Hilton guarda as chaves desta porcaria?»

«Estão aí dentro num gancho, Sr. Stites. O Sr. Hardy tem as chaves todas nos ganchos», respondeu-lhe ela aos gritos.

O Papá encontrou as chaves, pôs o Buick a trabalhar e saiu da garagem em marcha atrás. Fiquei a olhá-lo desde o carreiro e não me atrevi a perguntar o que estava a acontecer. Ele acelerou ao descer o acesso, com as rodas a cuspir gravilha, e virou à direita na La Avenida.

Foi essa a primeira vez na minha vida em que vi o Papá ao volante do seu próprio carro. Ele sempre tivera um motorista. O Papá usava todos os dias um fato de linho branco, perfeitamente vincado e engomadíssimo. Camisa branca, gravata branca e o seu panamá. Todas as tardes Hilton Hardy o levava a fazer as suas rondas na limusina Buick. Em cada paragem um secretário servia ao Papá uma *demitasse* de dois cêntimos de café cubano. Sabiam exactamente a que horas ele chegava e como gostava da sua *demitasse*: um trago do tamanho de um dedal, sem açúcar. Uma *demi demi*, como ele costumava dizer. Segundo ele, nunca ficava doente por ter o estômago revestido de café. O Papá era antiquado. Tinha os seus hábitos e demorava o seu tempo. Não era um homem que se apressasse.

Lembro-me de como viviam os cortadores de cana: em barracas de um só quarto, chamadas *bohios*. Chão de terra, uma panela no meio do quarto, sem janelas, sem canalização, sem electricidade. A única luz era a que entrava pela porta aberta e se infiltrava pelas frestas das paredes feitas de folhas de palmeira. Dormiam em camas suspensas. Eram habitantes ilegais, mas a empresa tolerava-os porque durante a colheita tinham de morar nalgum sítio. No resto do ano, o tempo morto como lhe chamavam, eram *desolajos*. Não sei o que faziam. Vagueavam pelos campos em busca de trabalho e de comida, suponho. No bairro de lata onde moravam os cortadores de cana — chama-se um *batey* — havia crianças nuas a correr por toda a parte. Não usavam sapatos, tinham os pés envoltos em duras carapaças de pele calejada. Cozinhavam as refeições ao ar livre, com carvão de mangue. Tiravam a água de uma torneira à beira dos campos de cana. Tinha de transportar a água à mão em baldes, mas a empresa deixava-os levar toda a que quisessem. Era sem dúvida uma situação melhor do que a dos mineiros em Nicaro. Os mineiros eram empregados do Governo dos Estados Unidos e tinham